

L'ACRE DANS MON COEUR ET MES ÉCRITS:

ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOAQUIM CAIXETA¹

DOI: <https://doi.org/10.29327/210932.1.1-10>

Dennys Silva-Reis
Universidade Federal do Acre
reisdennys@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6316-9802>

Joaquim Santana Caixeta nasceu em 27 de julho de 1947, no município de Guimarães, Minas Gerais. Em sua estadia na UFAC, foi responsável, durante cinco semestres, por uma página responsável pelo “Contexto Cultural”, no jornal *O Rio Branco*, e fundador de uma página literária do Curso de Letras da UFAC. Também escreveu na “Folha Literária” e no Jornal *A Gazeta do Acre*. A entrevista que se segue foi concedida por e-mail e através de trocas de mensagens por outros aplicativos de comunicação.



Dennys Silva-Reis: Onde o senhor se formou? Em qual estado? Fez intercâmbio? Teve bolsa?

Joaquim Santana Caixeta: Tenho Curso de Letras da Universidade de Brasília (UnB) de 1968 a 1972. Mestrado na Sorbonne Nouvelle / Paris III, 1972/73, com bolsa do governo francês, Especialização em Lexicologia e Terminologia, UnB, em 1995/96, DEA em Terminologia, Universidade de Nice-Sophia Antipolis, no Departamento de Engenharia Linguística, com Monsieur Henri Zinglé, 1996/97.

Dennys Silva-Reis: O senhor possui pós-graduação? Se sim, em qual área? Fale um pouquinho sobre ela.

Joaquim Santana Caixeta: Fiz o Mestrado em Literatura comparada na Sorbonne Nouvelle, Paris III, com o título de *Le thème de l'Argent chez Guy de Maupassant et Machado de Assis*.

Dennys Silva-Reis: O senhor já fez alguma formação complementar? Formação didática? Cultural? No Brasil/no exterior?

Joaquim Santana Caixeta: Fiz uma especialização em Lexicologia e Terminologia com um trabalho sobre um glossário dos 27 termos do corte de carne bovina.

¹ Agradeço ao professor Joaquim Caixeta pela entrevista concedida e também pelo envio dos poemas e de sua caricatura.

Dennys Silva-Reis: Antes da graduação em francês, o senhor já tinha tido contato com o idioma?

Joaquim Santana Caixeta: Desde os 12 anos. No seminário dos Irmãos Maristas, congregação religiosa francesa, a língua francesa era obrigatória nos contatos com os mestres e colegas durante os momentos recreativos. Com eles fiquei pelo período de 7 anos. Depois já entrei em cursos mais avançados na Aliança Francesa de Belo Horizonte e Brasília, onde fiz os exames de Nancy I e II.

Dennys Silva-Reis: Em quais instituições de ensino (públicas e privadas) o senhor lecionou? E em quais níveis (ensino básico, médio e superior)?

Joaquim Santana Caixeta: Em nível médio na Fundação Educacional da Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal, entre os anos de 1970 e 1998, com intervalos para estudos. Em nível superior, lecionei nos cursos de letras da UFAC, da UnB e da UCB (Universidade Católica de Brasília).

Dennys Silva-Reis: O senhor sabe como o curso de Letras-Francês foi criado? Saberá dizer um pouco sobre sua origem? De quem foi a ideia? Qual reitor aceitou? Como era o curso no início?

Joaquim Santana Caixeta: Em 1978, quando fui convidado pelo professor Aulio Gélio, à época reitor da UFAC, o curso de Letras já funcionava no Palácio da Cultura, Avenida Ceará, desde a criação dessa Universidade. O professor Aulio Gélio, em seu livro sobre a UFAC, conta o histórico da fundação da Universidade do Acre e, com muita certeza, foi um de seus idealizadores.

Dennys Silva-Reis: O senhor trabalhava quantas horas semanais? Incluía preparação de aulas? Pesquisa? Extensão?

Joaquim Santana Caixeta: Era professor de dedicação exclusiva e estava no Acre em função das atividades da UFAC. Tive atividades no Campus avançado de Xapuri, apliquei provas de vestibular em Porto Velho, visitei o laboratório de línguas do curso de Letras da Universidade de Mato Grosso, em Cuiabá, fiz parte dos Conselhos de Administração e Ensino e Extensão da UFAC. Cheguei a orientar alunas que desenvolveram atividade sobre folclore da comunidade de Rio Branco.

Dennys Silva-Reis: Como era sua preparação das aulas? O senhor fazia muitas atividades gramaticais? Lúdicas? Culturais? Oraís? Escritas? De escuta? De escrita? Como eram essas atividades?

Joaquim Santana Caixeta: Seguia orientação pedagógica da metodologia de ensino de língua francesa, em vigor na época. Recebíamos orientação e visitas do *Bureau Pédagogique* da Embaixada da França.

Dennys Silva-Reis: O senhor utilizava recursos audiovisuais nas aulas? Não? Sim? Quais? Filmes, vídeos, áudios?

Joaquim Santana Caixeta: Procurávamos seguir com o máximo de fidelidade as orientações metodológicas. Gostava muito de aproveitar as “*comptines*” e canções infantis para motivar mais os alunos para o aprendizado da língua francesa.

Dennys Silva-Reis: Suas aulas eram em língua francesa ou em língua portuguesa? Como se deu essa escolha? Por quê em francês? Por quê em português?

Joaquim Santana Caixeta: Como tínhamos o método da época, e ele previa o ensino do oral e escrito, usava as duas línguas quando se fazia necessário. Acredito não termos à época disciplinas de Francês Instrumental, onde se praticava a língua francesa com o auxílio da língua portuguesa.

Dennys Silva-Reis: A aula de francês se resume a só ensinar gramática? Pode falar um pouco sobre isso?

Joaquim Santana Caixeta: Depende muito dos objetivos da disciplina, do curso. Se o objetivo for compreensão e expressão orais, a gramática vem mais implícita. No método instrumental, em que se propõe a ler e compreender, a gramática é mais explícita, considerando a proximidade das duas línguas latinas. Nos cursos por imersão, nos países francófonos, não se adotaria a língua materna como veículo de aprendizado.

Dennys Silva-Reis: A oralidade entre os alunos de Letras-Francês sempre foi difícil no curso da UFAC? Ou é algo atual? É comum os alunos saírem sem falar francês? Por que isso acontece?

Joaquim Santana Caixeta: Quando chegamos ao Acre, pudemos notar a preferência, ainda, da língua francesa em relação à língua inglesa em pleno domínio no centro-sul do Brasil. Mas a oralidade não era tão comum entre os alunos e demais pessoas amantes do francês pelo isolacionismo compreensível do Estado. Os alunos procuravam as línguas francesa e inglesa mais para o acesso à bibliografia em suas carreiras. Os alunos de francês, futuros professores de língua, já escasseavam. O predomínio do inglês já se impunha e as línguas passariam, assim, a serem instrumentais. Mesmo assim enviamos, por meio da Embaixada Francesa, alunos e professores à França, para se sensibilizarem com o estudo e a importância da língua francesa.

Dennys Silva-Reis: Como o senhor lidava com a tradução em sala de aula? Era permitida ou não?

Joaquim Santana Caixeta: Não me preocupava tanto com adotar ou não a língua portuguesa em sala. Não queria ser escravo do método que a cada local onde era adotado poderia tomar a coloração local.

Dennys Silva-Reis: Como era o uso de dicionários em sala? Os alunos tinham? Havia esse hábito?

Joaquim Santana Caixeta: A carência de material, de livros era compreensível, dada à situação financeira da maioria dos alunos. Não exigia uso de dicionários em sala.

Dennys Silva-Reis: O senhor deu aula de francês por quanto tempo na UFAC?

Joaquim Santana Caixeta: Durante os cinco semestres que estive na UFAC, dei poucas aulas de literatura brasileira.

Dennys Silva-Reis: O que o senhor achava do currículo do curso de graduação em Letras-Francês da UFAC?

Joaquim Santana Caixeta: Não divergia do que acontecia em outras universidades mais tradicionais do país. Quando o momento permitia dávamos nossas sugestões para mudanças pertinentes.

Dennys Silva-Reis: O senhor priorizava o uso do livro didático? Seguia à risca ou não? Complementava o livro? Utilizava-o só em algumas atividades? Quais? Orais? Escrita? Gramaticais? De vocabulário? De escrita?

Joaquim Santana Caixeta: Como já foi dito, embora com o uso do laboratório de línguas, recém implantado, não deixava de usar de outros recursos, caso julgasse necessário. O mais importante em tais disciplinas é manter a motivação dos alunos pela disciplina.

Dennys Silva-Reis: Quais disciplinas o senhor trabalhou em sala de aula? Quais os desafios dessa disciplina do ponto de vista dos alunos, do professor e da instituição (se for o caso)?

Joaquim Santana Caixeta: Não me recordo bem dos métodos, os quais o próprio mercado fazia mudar ou evoluir, mas procurávamos atender as solicitações da instituição, dos alunos e do próprio professor que a cada semestre encontrava situações diferenciadas.

Dennys Silva-Reis: Como era o perfil dos alunos? Interessados ou desinteressados? Queriam mesmo fazer o curso? Ou tinham caído de paraquedas em Letras-Francês?

Joaquim Santana Caixeta: Como já dito antes, os alunos acreanos, de maneira geral, eram muitos interessados pelo estudo da língua francesa, contrariamente ao que se sabia dos de outras regiões do país, que já se debandavam para a língua inglesa devido à sua importância no mundo do mercado e político.

Dennys Silva-Reis: Quantos alunos se formavam no curso? O que eles faziam depois do curso? Trabalhavam na área?

Joaquim Santana Caixeta: Fui coordenador do curso e já não tenho esse dado de memória. O que me surpreendeu no Acre foi a grande preferência pela língua francesa em relação à inglesa.

Dennys Silva-Reis: Há alguma história inusitada, triste ou engraçada sobre o curso de Letras-Francês, sobre professores, alunos, servidores ou sobre a reitoria na UFAC que o senhor se lembre? Pode nos contar? O que foi? Como ocorreu?

Joaquim Santana Caixeta: Quando de uma visita de representantes de uma Instituição do mundo da borracha/heveicultura houve uma solicitação a dois professores do departamento de Letras para servirem de intérpretes junto às autoridades do Acre e da Universidade, uma das poucas do país com o curso de Heveicultura. Mas pouco trabalhamos, talvez pela desnecessidade dos interessados de ambos os lados de se fazer compreender na língua francesa.

Dennys Silva-Reis: O senhor participou ou promoveu algum projeto de extensão do curso de Letras-Francês da UFAC? Quais? Qual duração? Como se chamava? Teve

muita procura? Como foi a recepção entre os alunos e a comunidade? O curso era em francês ou em português?

Joaquim Santana Caixeta: Promovemos idas e visitas de adidos pedagógicos à Universidade, que davam palestras e tratavam de novas metodologias de ensino.

Dennys Silva-Reis: O curso de Letras-Francês recebeu alguma visita de professores franceses ou francófonos? A UFAC recebeu alguma visita de pesquisador ou professor francês ou francófono? Quem foi? Como foi essa visita? Porque ele ou ela veio? Tinha relação com o curso de Letras-Francês ou com outro curso da UFAC?

Joaquim Santana Caixeta: Sim, como já falado anteriormente. O nome de Madame Jossette Rhein, adida pedagógica da Embaixada da França, à época, me vem à memória pelo apoio e dedicação em visitar a Universidade e favorecer viagens à França com doação de bolsas a pessoas da área de língua francesa.

Dennys Silva-Reis: O senhor possui contato com ex-alunos ou com outros professores?

Joaquim Santana Caixeta: Encontro-me com o Professor Aulio Gélio, a ex-secretária Sandra, e outras pessoas de que não me lembro mais os nomes que me favorecem a possibilidade de falar com carinho de minhas experiências no Acre.

Dennys Silva-Reis: O senhor chegou a escrever alguma reflexão ou memória sobre o curso de Letras-Francês ou sobre o curso de língua francesa? Qual tipo de texto? Texto jornalístico? Artigo? Livro? Onde? Em qual revista? Qual ano? Qual jornal? O senhor tem esse texto? Teve repercussão?

Joaquim Santana Caixeta: Minhas atividades nos jornais *O Rio Branco* e menos na “Gazeta do Acre” me fizeram promover escritores do Acre. Pessoalmente escrevi e, algumas vezes, publiquei textos inéditos sobre o Acre, mais poéticos que científicos ou jornalísticos.

Dennys Silva-Reis: O senhor teria fotos ou alguma iconografia de alunos, professores, servidores ou grupos de francês de sua época? Poderia nos mostrar ou nos ceder? Pode nos explicar essa foto? Onde podemos achar? Está publicada onde?

Joaquim Santana Caixeta: Tenho os números do “Contexto Cultural”, do jornal *O Rio Branco* e os primeiros números da “Folha Literária” do Departamento de Letras.

Dennys Silva-Reis: Tem alguma mensagem que gostaria de deixar para o curso? Algo sobre a história do curso de Letras-Francês?

Joaquim Santana Caixeta: Há muito tempo não tenho mais ligação com a vida acadêmica e atividades ligadas ao magistério. Deixo alguns escritos meus.

Na rua acreana

Na rua acreana

a criança

em bando

nada.

O restaura

ante garçons

amedronta

dores.

A boutique
com vida ativa
ex-põe-se
colorida.

O hotel viaja
com sapatos em poeira
dos bolsos
e paletós endinheirados.

A farmácia
balança
e pesa a magreza
irremediável.

A casa senhorial
embala no alpendre
a cadê ira
de palhinha.

A lanchonete espalha na calçada
mesas de cervejas e tira-gostos
vitrines de salgados
vitamina de frutas
com saliva.

A banca
com revista de artista
dá ré
e a mente capta.

A escola arvora
educação obrigatória
na parede

A loja de discos
viola o silêncio
popular.

A padaria barateia
sede
com mata fome.

Ali o engraxa te come
com os olhos
menta desejos
de roubar a sobrevivência.

Na rua
a miséria carrega nas costas
caixas de engraxar
consciência.

Na rua
o rosto magro
do “engraxar moço?”

Na rua
o olhar comprido
do “engraxar moço?”

Na rua
o pescoço palmito
do “engraxar moço?”

Na rua
o dorso nu
do “engraxar moço?”

Na rua
o braço cansado
do “engraxar moço?”

Na rua
a mão suja
do “engraxar moço?”

Na rua
a barriga vazia
do “engraxar moço?”

Na rua
a perna afinada
do “engraxar moço?”

Na rua
o pé descalço
do “engraxar moço?”

Na rua
dorme a inocência
doente.

Na rua
a criança descrente
denuncia e desmente
o ano internacional
das reuniões televisionadas
no país do solenemente.

Na rua
o pedido cala o silêncio
do “ajuda, moço,
a engraxar com decência!

Noites do Acre

Noites do Acre
em Rio Branco
Praça Rodrigues Alves
por que não Plácido de Castro
como se há de pensar!

Céu só lua
nem nuvens
esmaecidas estrelas
verdes vegetais
bancos e canteiros
jardins públicos
que publicam erros
de gramáticas sociais.

Gente que passa
repassa e trespassa
esconde um sorriso
chama com graça
no olhar a vagar
mente distraída
enamorada do mundo
esquecida de problemas
do mundo de casa.

Jovens e velhos, crianças
meninas-moças, mocas-meninas
gente fala e caminha e fala
recomeça no tempo os lugares
a pesar coisas de coração
por que não?

Gente procura gente
Gente figura a gente
cheia de amor para dar
dor para dividir ou somar.

Noites no Acre
Rio Branco
frescas na praça
quentes no corpo
mornas na mente
verdes-mormaço
lembrança de criança
carências de amor.

DEDICADO AOS POVOS DA FLORESTA

Dedicado aos

P
S O
O V

O
S V
O

V
Z O

S Ó

Ó...ó...

da

F O R
L O E
T S A

que

S
Ó
S

ainda salvam a T E R R A e o solo do

B R I L
A S L

DUAS OBRAS RECENTES DO PROFESSOR JOAQUIM CAIXETA

